



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Ministério da Agricultura e do Abastecimento  
Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental  
Trav. Dr. Enéas Pinheiro s/n, Caixa Postal 48,  
Telex (091) 1210, Fax: (091) 226.9845 - CEP 66.095-100  
e-mail: cpatu@cpatu.embrapa.br

## COMUNICADO TÉCNICO

Nº 96, fevereiro/99, p.1-2

### IDENTIFICAÇÃO E CONTROLE DA MURCHA BACTERIANA EM MARACUJAZEIRO AMARELO NO ESTADO DO PARÁ

Luiz Sebastião Poltronieri<sup>1</sup>  
Dinaldo Rodrigues Trindade<sup>2</sup>  
Fernando Carneiro de Albuquerque<sup>1</sup>  
Marli Costa Poltronieri<sup>1</sup>

A murcha bacteriana das solanáceas, causada por *Ralstonia (Pseudomonas) solanacearum*, é uma das principais doenças da Região Norte, onde prevalecem condições de alta temperatura e precipitação abundante. A bactéria é patogênica em mais de 200 espécies de 33 famílias botânicas, sendo mais comum em solanáceas (tomateiro, fumo, batata, pimentão), compostas e musáceas, (Kurozawa & Pavan, 1997). Atualmente, essa bactéria compreende cinco biovars, e os biovars I e III atacam o tomateiro. No Norte e Nordeste do Brasil predomina o biovar III.

Em julho de 1998, através de levantamentos de doenças realizados em áreas de produtores de maracujá, do município de Igarapé-Açu, PA, observou-se a ocorrência de uma doença causadora da murcha, dizimando cerca de 40% do plantio. Corte longitudinal realizado no caule de plantas com sintomas da doença mostrou descoloração dos vasos lenhosos. Para confirmar se a doença era causada por bactéria, realizou-se o teste-do-copo. Para este teste, cortou-se uma porção de aproximadamente 3 cm da base do caule que, após bem lavada, foi mergulhada em água limpa em um copo transparente (Lopes & Santos, 1994). O fluxo leitoso que escorreu após alguns minutos, da extremidade do caule em direção ao fundo do copo, confirmou a presença da bactéria. Isolamentos em meio de cultura contendo tetrazolium resultaram em colônias típicas da espécie *Ralstonia solanacearum* que, após inoculada em mudas de maracujazeiro amarelo com dois meses de idade provocaram amarelecimento, retardamento do crescimento e murcha em plantas, sete dias após a inoculação.

<sup>1</sup>Eng.- Agr., M.Sc., Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Caixa Postal 48, CEP 66 017-970, Belém, PA.

<sup>2</sup>Eng.- Agr., Ph.D., Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental.



**BANCOOB**  
BANCO COOPERATIVO DO BRASIL S.A.

**COOMINAGRI - PA**

#### Desse Banco Sou Dono

Conta Corrente

RDC

Poupança Programada e Kid's

Cheque Especial

Conta Capital

Empréstimos

Coopinvest

Financiamento de Bens Duráveis

Cobrança e Recebimento de Contas

Assessoria Econômica e Financeira

Trav. Pirajá nº 1966 - Marco - Belém-PA 66095-470

Fones: (091) 276-3518 276-5430 276-7220 276-3419

e-mail: Coominag@nautilus.com.br

O primeiro registro dessa espécie de bactéria em maracujazeiro, realizado por Lopes et al. (1999), mostra que o cultivo do maracujazeiro no Estado do Pará está ameaçado por uma das doenças mais importantes, que poderá limitar o cultivo dessa espécie em algumas áreas.

É difícil o controle da murcha bacteriana quando as condições são favoráveis à bactéria. A estabilidade da resistência é dependente das condições ambientais, o que torna difícil a obtenção de cultivares com resistência efetiva. Para minimizar os danos causados pela doença, são sugeridas as seguintes medidas de controle:

- 1) Fazer plantio de maracujazeiro em áreas que não tenham sido plantadas anteriormente com solanáceas nos últimos anos;
- 2) Manter a área de plantio livre de plantas invasoras de folhas largas e também da família solanácea, tais como joá, maria-pretinha, jurubeba e camapu.
- 3) Ao notar algumas plantas com sintoma da doença, erradicá-la e queimá-la fora do terreno, colocando no local uma pá de cal virgem, com o objetivo de retardar a multiplicação da bactéria;
- 4) Evitar transitar nos locais onde existem focos da doença;
- 5) Evitar causar ferimentos nas raízes durante as capinas;
- 6) Realizar calagem nos solos ácidos;
- 7) Realizar plantio em áreas de boa drenagem, evitando, assim, o excesso de umidade no sistema radicular da planta.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KUROZAWA, C.; PAVAN, M.A. Doenças do tomateiro (*Lycopersicon esculentum* Mill.). In: KIMATI, H.; AMORIM, L.; BERGAMIN FILHO, A.; CAMARGO, L.E.A.; REZENDE, J.A.M. eds. **Manual de fitopatologia**. São Paulo: Ceres, 1997. v.2, p.690-719.
- LOPES, C.A.; POLTRONIERI, L.S.; QUEZADO-SOARES, A.M.; TRINDADE, D.R.; ALBUQUERQUE, F.C. de. Maracujazeiro, mais um hospedeiro da *Ralstonia solanacearum*. In: CONGRESSO PAULISTA DE FITOPATOLOGIA, 22., 1999, Jaboticabal, SP. **Resumos**. Jaboticabal: Grupo Paulista de Fitopatologia, 1999. p.88.
- LOPES, C.A.; SANTOS, J.R.M dos. **Doenças do tomateiro**. Brasília, DF: Embrapa-CNPQ/Embrapa-SPI, 1994. 67p.